



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

JEFFESSON SILVA - 14/0145061

Fluído viral

BRASÍLIA - DF

2018

JEFFESSON SILVA

14/0145061

Fluído viral

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel.

BRASÍLIA - DF

2018

Sumário

INTRODUÇÃO	4
AGRADECIMENTOS	6
JUSTIFICATIVA	7
PERCURSO ACADÊMICO E ARTÍSTICO	8
A PINTURA ABSTRATA	14
ARTE E CIÊNCIA (fictícia)	16
FLUIDO VIRAL ABSTRATO /FICCIONAL	17
INTERSTÍCIO E O FLUIDO VIRAL	18
O que é o Fluido Viral?	18
O Interstício	19
Os brônquios	22
A fusão fictícia do fluido viral/ interstício	23
CORPO PICTÓRICO CONTAMINADO	24
Corpo circular	24
Referência visual do vírus	26
Paleta de cores	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37

INTRODUÇÃO

A conclusão de um curso de graduação traz reflexões não só deste momento de final de um ciclo, mas nos impulsiona a uma lembrança de todos os ciclos anteriores que foram necessários para estarmos aqui, agora.

Nossos percursos individuais, mesmo seguindo junto com os demais colegas uma trilha formativa direcionada pelo currículo do curso, nos proporciona uma série de experiências e vivências únicas que compartilho aqui neste texto.

Para a conclusão deste ciclo de graduação apresento o projeto “Fluido Viral”: série de seis obras de pintura com a técnica tinta acrílica sobre tecido e dimensões de 80 cm de diâmetro.

Nesta série, resultado de pesquisa teórico e prática, trazemos conceitos que tangenciam a biologia e a medicina. Fazendo uma alusão ao formato de brônquios¹, criamos formas amorfas e geométricas em um padrão específico que se repetem em cada uma das seis telas.

O título Fluido Viral faz referência ao fluido presente nas cavidades do órgão interstício² do corpo humano.

“A descoberta foi feita por uma equipe de patologistas da Escola de Medicina da Universidade de Nova York (NYU), Estados Unidos. Os resultados foram publicados na revista Scientific Reports.

Ele sempre esteve ali, mas foi apenas por meio de uma tecnologia mais avançada que os cientistas finalmente puderam identificá-lo: um espaço repleto de cavidades preenchidas por líquido, presente entre os tecidos do nosso corpo – por isso, chamado de intersticial (entre tecidos). Um grupo de especialistas o classifica como um novo órgão do corpo humano, “uma nova expansão e especificação do conceito de interstício humano”.

Paradoxalmente, apesar de ter sido descoberto apenas agora, o interstício pode ser nada menos do que um dos maiores órgãos do corpo humano, assim como a pele. Os cientistas afirmam que essa rede de cavidades de colágeno e elastina, cheia de líquido, reuniria mais de um quinto de todo o fluido do organismo. (<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43577663>, acesso em 24/11/2018)”

¹ Brônquios: Cada um dos dois canais, prolongamentos da traqueia, que levam o ar aos pulmões. “brônquio”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/br%C3%B4nquio> [consultado em 24-11-2018].

²Estrutura presente nos tecidos conjuntivos, composta por espaços abertos sustentados por feixes de colágeno e preenchidos por fluido extracelular em circulação para os gânglios linfáticos. “interstício”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/intersticio> [consultado em 24-11-2018].

Explorar a técnica de pintura acrílica também foi umas das motivações na construção desse projeto. Com esta técnica foi possível criar uma ficção visual por meio da linguagem das artes plásticas e me posicionar poeticamente no entendimento de questões que vão além da interdisciplinaridade, mesmo sendo ela um dos pontos-chaves desse trabalho.

Além de tentar criar um novo olhar do que pode ser visto no campo científico, que seriam os significados de órgãos e suas funções, aqui no presente projeto, apresentamos estes órgãos anatômicos configurados poeticamente sem a perspectiva de representação do real. Estes órgãos e suas funções, no presente espaço, permitem a criação de um novo corpo.

Estruturamos a composição como se fossem imagens vistas a partir de lâminas de exames microscópicos. Desta forma apresentamos formas que poderiam ser simbolicamente investigadas no campo da microbiologia. Diversas pontes também foram feitas na associação de cores, pois a idéia da proliferação se fez presente nas explosões das cores, moldando o olhar do espectador, neste “Fluido Viral”.

Palavras-chave: Fluido, vírus, pintura, biologia, ficção

AGRADECIMENTOS

Ao apresentar esse trabalho de fato termino um ciclo, um ciclo que deixou marcas permanentes na minha história como artista. Claro que vislumbrei muitas possibilidades para esse momento, mas observei que todas as minhas escolhas como acadêmico fez com que tivesse esse atual resultado, que antes de tudo sou grato por isso, pois ele é fruto de boas experiências e outras que não foram tão boas, mas de qualquer maneira afirmou positivamente na escolha que fiz no segundo período de 2014 ao escolher o curso de Artes Visuais (Bacharelado). Nesse percurso só tenho a agradecer aos meus professores que puderam auxiliar na construção visual e poética do “Fluido Viral”, antes de tudo a minha orientadora Therése Hofmann que me auxiliou e deu suporte desde o início da graduação na universidade, ao professor Elder Rocha que me auxiliou desde de pintura 1, dando suporte muitas vezes” emocional” e também técnico no que se configura a pintura, a professora Adréa Campos de Sá que me fez ter um olhar mais maduro diante do trabalho e a professora Luísa Gunther que instigou por meio do lado poético.

Em especial também agradeço aos meus amigos da maquete, local que aprendi a importância de projeto e como devemos ser profissionais diante da profissão escolhida e aos meus amigos Yuri Costa, Lidiane de Fátima e Leticia Magalhaes, amizades essas que vou levar para vida.

JUSTIFICATIVA

O trabalho intitulado Fluído Viral consistiu na busca individual por referenciais e conceitos na construção deste artista/ficcionista a partir das minhas vivências dentro da Universidade de Brasília. A pesquisa procura mostrar a importância da experimentação dentro do processo criativo, no qual a revisitação de pinturas e projetos, serviram como base para a construção dessa narrativa que pauta o discurso de arte e ciência. Tomando como ponto de partida inicial o discurso de alguns cientistas³ que falam que existe vida em um filamento viral e outros⁴ quem dizem o contrário, quando falam da presença de um determinado hospedeiro, a pesquisa em questão se pauta nessa dúvida da própria ciência, mas principalmente como a existência dessa estrutura pode se tornar perturbadora de alguma maneira. Desta forma partimos do conceito da contaminação para tentar entender e apresentar o corpo como matéria pictórica, recorrendo também ao que é o discurso de arte contemporânea e seus espaços de diálogo.

O tema Fluído Viral foi sendo descortinado para mim no decorrer da pesquisa em pintura, dentro da disciplina Pintura 1, cursada no 1º/2016. Mas percebo que sempre foi recorrente no conceito geral, pois minha busca em identificar o 'eu' dentro de um meio coletivo possuía um grau de importância no querer entender a essência da própria vida e ausência dela. Criar uma ficção visual tornou-se tronco principal desse trabalho, determinando uma investigação sobre o que é contaminar e como isso integra a todos como corpo circular, valendo do tempo e como os espaços de lâminas sustentam a complexidade do corpo em pintura.

³ O compartilhamento de características com os seres considerados vivos leva os cientistas a crerem que os vírus fazem parte da chamada árvore da vida e dividem com os seres vivos também uma história evolutiva. Um estudo de 2015 publicado na Science Advances também encontrou evidências que suportam a hipótese de que eles são entidades vivas que compartilham uma história evolutiva com as células que conhecemos hoje. Informações retiradas do portal <http://science.sciencemaq.org/content/362/6417/903>

[Consultado em 25/11/2018]

⁴ Uma pesquisa feita pela Nature 2008, pautava que um vírus não tem qualquer atividade metabólica quando fora da célula hospedeira: eles não podem captar nutrientes, utilizar energia ou realizar qualquer atividade biossintética. Informações retiradas do portal Nature <https://www.nature.com/articles/d41586-018-07448-0> [Consultado em 25/11/2018]

PERCURSO ACADÊMICO E ARTÍSTICO

O percurso que este estudante e também artista teve dentro do curso de artes visuais da universidade de Brasília aconteceu de forma a potencializar as experimentações e experiências que cada disciplina proporcionava. Me permiti a um contato intenso com diversas linguagens e ao mesmo tempo também consegui absorver questões teóricas relacionadas aos artistas que me influenciam como Miró, Paul Klee, Amy Brown, Antônio Bandeira, Israel Macedo, Pollock entre outros.

Nesses diversos momentos proporcionados pelas disciplinas cursadas, ao tentar relacionar as diversas linguagens com temas que compactuam com as principais influências, me deparei como principal influência, com o trabalho da artista e também ilustradora Amy Brown⁵.

Amy Brown, junto com o movimento fantasy art (arte fantasia), foi uma das inspirações desta minha pesquisa (foto1 e 2).

⁵Amy Brown, desenhista e ilustradora, na sua produção pauta o movimento fantasy art com questões do surrealismo herdado por Dali.

As informações foram retiradas do portal <https://www.amybrownart.com/fantasy>



Foto 1. Amy Brown, fairies and bears, fantasy art, 2016 (<https://www.amybrownart.com/fantasy>)



Foto 2. Amy Brown, fairies and butterflies, fantasy art, 2016 (<https://www.amybrowart.com/fantasy>)

Considero que uma parte significativa das minhas criações imagéticas possuía uma relação com seres imaginários e com criaturas alienígenas. Essas mesmas influências artísticas acabaram se tornando um pilar do que seria visto em meus trabalhos futuros. Da mesma forma percebi que também faziam ponte com a minha própria infância, pois a partir do contato com esse tipo de material, de alguma maneira me influenciou a opção de estudar artes.

No início da graduação em 2014, tive muita dificuldade em me libertar de costumes e vícios relacionadas ao próprio desenho, sempre buscando um aperfeiçoamento com a técnica e deixando de lado questões que envolvem o pensamento poético. Sempre buscando por uma representação do estereótipo do belo e ao mesmo tempo de figuras que representassem o realismo.

Quando, ao longo do curso, percebi o intuito principal do departamento, que privilegia o contemporâneo, ocorreu uma quebra com tudo aquilo que havia sido criado por mim na idealização do que seria uma academia de arte.

A partir do momento que tive consciência de que esse espaço era investigativo, e tentei levar esse contexto na minha produção, acentuando essa ideia em quase todas as disciplinas.

Na disciplina Desenho 3 investiguei o processo de cartografia sentimental que cursei em conjunto com a disciplina Materiais em Arte 2. Tive a oportunidade de experimentar diversas tecnologias e refletir sobre como esse espaço geográfico interfere nas ações e relações humanas. Levei essas questões para um outro projeto dentro do Departamento de Design, o Projeto “TATU”, coordenado pela Profa. Daniela Garrossini, consistindo na elaboração de uma plataforma na internet que buscava criar interação afetiva dos movimentos sociais da própria universidade, pensando em um espaço circular, e tentando dar visibilidade a algumas atividades que acontecem dentro do campus. Atuei no processo de criação de um protótipo deste aplicativo de rede social.

Assim, tentei dar fluidez nesse processo de conhecer várias atividades relacionais do Instituto de Artes e do campus da UnB. Questões afetivas também foram um dos temas que utilizei para tratar de produção em arte. Nas disciplinas Fotografia e Projeto Interdisciplinar busquei relacionar a questão do corpo e suas abjeções, repressões ocorridas durante a minha infância e medos adquiridos nesse período. Tudo isso foi reconfigurado em fotografias que mais uma vez foram produzidas por meio de recortes com a forma circular para a construção de um jogo de memórias.

Revisitar esse espaço no tempo é reconstruir uma carga de memórias que muitas vezes ficam no nosso inconsciente vagando a esmo nos permite, quando as acessamos, de alguma maneira diluirmos as questões que estavam guardadas. Fazer o Projeto Interdisciplinar com esta abordagem, de alguma forma, permitiu que eu fizesse uma grande viagem no tempo, contínuo e renovador, que é o da própria vida.

Nessa viagem acabei revisitando álbuns de fotografias da família que usei para a composição de imagens circulares em tamanhos menores que um A5, como se fosse um diário/ jogo de montagem, no qual desvendar era ao mesmo tempo remontar a minha própria história.

A liberdade de montagem foi um dos caminhos trilhados, permitir e estimular que o expectador interagisse com as minhas memórias e histórias presentes nos trabalhos. Tive total desapego pela obra, que era montada e desmontada por quem via, dando um novo olhar para aquela produção que por muitas vezes havia um conceito de montagem reservado e de intuito individual. Este trabalho ao ser quebrado e remontado pelo o espectador acabava ressignificando e alterando pontos no seu

discurso inicial, e me permitiram revisitar momentos reais da minha história com outras visões.



Foto 3. Montagem do trabalho "jogo de família", 2016.
Acervo do autor

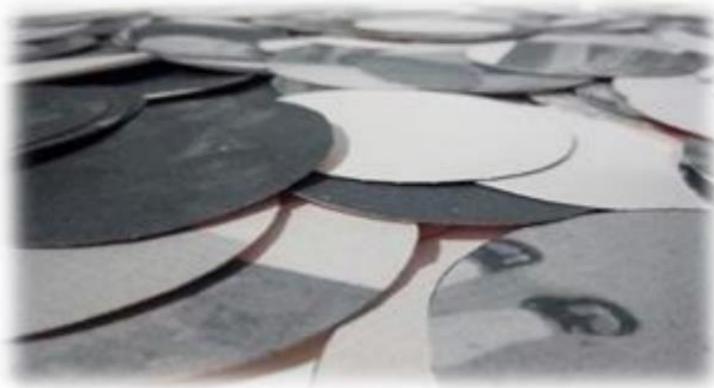


Foto 4. Trabalho “Jogo de família”,2016. Acervo do autor



Foto 5. Trabalho “Jogo de família”, 2016. Acervo do autor

Depois de passar por diversos caminhos, fui levado para a pintura investigativa, ao conhecer a linguagem pictórica comecei a ter acesso a questões internas sobre o universo dos micro-organismos. De alguma maneira investigar assuntos da biologia culminou na vontade de falar sobre vida. Ao falar desse aspecto de vida, comecei a criar um novo universo que durante muitos semestres costumei chamar de corpo pictórico. No decorrer do processo acabei vendo que de fato queria falar sobre algo que poderia ter ou não vida. Logo veio de forma concreta a vontade de falar sobre esse vírus ficcional que como muitos cientistas⁶ dizem não possui uma estrutura clara para estar vivo, mas consegue sobreviver dentro do organismo, mesmo não possuindo uma esteira de filamento completa para de fato sobreviver, mas que ao mesmo tempo suas mutações interferem na linearidade do sistema.

Ao produzir o trabalho Fluido Viral, e vendo ele dessa maneira, compreendi que na verdade o assunto principal da minha temática era o próprio corpo e suas abjeções. Visualizar esse ser abstrato no espaço redondo é recompor todas as suas características como vida pictórica, pois no final das contas é o que essas imagens são: em sua composição finalizada as pinturas ditam uma vida fluida no conceito/imagem.

A PINTURA ABSTRATA

A Arte Abstrata surge no início do século XX, no Modernismo, tendo como um dos precursores o artista russo Wassily Kandinsky.

“Após 1910, Kandinsky abandonou totalmente a arte figurativa. Usando as cores do arco-íris e o estilo livre e dinâmico dos fauvistas de Paris, criou um estilo inteiramente não-objetivo. (...) Quaisquer que sejam os vestígios da representação que sua obra contém, são um tanto involuntários – seu objetivo era dotar a forma e a cor de um significado puramente espiritual (conforme dizia ele), eliminando toda semelhança com o mundo físico. JANSON & JANSON (362-363).”

⁶ Segundo os cientistas Luc Montagnier e Robert Gallo

Uma das características principais deste movimento consiste na representação refletida não definida com critérios objetivos e convencionais, portanto a interpretação do que se vê não é evidente como podemos reparar nas obras do Pollock.

Dessa maneira o artista abstrato expressa as suas ideias através de cores e formas que podem não corresponder ao mundo real. Assim, não há uma representação figurativa, mas sim uma linguagem visual de cores e formas que podem ter significados próprios. O objetivo das pinturas da série Fluido Viral não é reproduzir nenhuma imagem real, mas sim transmitir emoções a partir de manchas, linhas, formas. Neste sentido as cores e as formas presentes nessas pinturas “abstratas”, criam uma arquitetura ficcional da arte como microbiologia.

Assim, o que é visto não é o mundo das aparências, mas sim as ideias abstratas que vêm do mundo interior do artista. Na produção da série Fluido Viral, mergulho nesse conceito geral do abstrato, mas ao mesmo tempo caminho no centro de uma estrada objetiva, pois pego o conceito científico visual, para que sejam construídas imagens que estão no campo do abstracionismo nas artes, mas que também podem ser vistas em um campo imagético “convencional” no mundo da biologia.

O processo criativo dentro do mecanismo artístico parte do movimento de produção que muitas vezes consiste de um aspecto híbrido. Vale ressaltar que essa terminologia já é utilizada dentro da própria biologia, sendo assim a fluidez que caracteriza os elementos como matéria e aspectos de vida acontecem naturalmente, os termos como germinação, pode ser utilizada como metáfora nesse processo de produção, principalmente quando falamos de um fluido fictício.

Poder-se-ia dizer que a hibridez inaugural dos signos em mutação nos processos criativos híbridos reside no próprio artista e em seu vir a ser: podemos então situar a medida desses processos no “artista-signo híbrido” como unidade sintetizadora de formas e formatividades, em cujo estilo já se manifesta uma predisposição para essas escolhas artísticas. Parafrazeando a epígrafe de Edmond Couchot (1990), vale salientar que é desejável que as metodologias aqui apresentadas encontrem no sujeito um campo fértil para hibridações. (Evandro Fiorin, Arte e ciência, pág.13.)

Neste meu percurso acadêmico considero como “evolução” pessoal o fato de ter conseguido me permitir experimentar diferentes técnicas e movimentos passando da conceituação e canonização única de arte realista para este trabalho de formas abstratas e amorfas. Essa proposta de produzir imagens de uma ciência de ficção antes de tudo, carregou um sentimento volátil que pretendia entender nas pesquisas questões do tempo, das idas e vindas da vida nos seus movimentos circulares, e a própria possibilidade de inventar e reinventar.

ARTE E CIÊNCIA (fictícia)

Não pretendemos aqui discorrer sobre a amplitude deste tema, mas simplesmente apresentar um recorte que diz respeito ao trabalho Fluido Viral.

Diante de diferentes formatações que se constrói o meu trabalho, verifica-se um entendimento sensorial da visualidade, comportando a partir do confronto das imagens essa construção que além de instigar o entendimento do espectador, incita a criatividade desse mesmo a verificar esse "corpo" tratando de questões de ciência e arte, pois ambas se nutrem do mesmo húmus, a curiosidade humana, a criatividade, o desejo de experimentar.

Ambas são condicionadas por sua história e seu contexto. Ambas estão imersas na cultura, mas imaginam e agem sobre o mundo com olhares, objetivos e meios diversos. O fazer artístico e o científico constituem duas faces da ação e do pensamento humanos, faces complementares, mas mediadas por tensões e descompassos, que podem gerar o novo, o aprimoramento mútuo e uma nova afirmação.

A vertente artística, que permeia a criatividade com a estrutura da biologia, acontece no aspecto de pesquisa investigativa, o mesmo pode ser visualizado dentro das artes plásticas, quando os sentidos acabam sendo um dos principais meios que acentuam claramente o que é fluido, onde o acaso vira um dos principais pontos de partida. Assim, a criação híbrida se vincula ao conceito menos abstrato, pois ela se concretiza no próprio ato de criar.

O resultado desta confluência de arte e ciência no presente projeto são as seis telas redondas que fazem parte da série Fluido Viral. Mesclando assuntos de ciência e arte, com formas lúdicas que buscam alternar a fluidez de ícones gráficos que acabam estimulando interpretações que vão além dessas formas. A apresentação dessas imagens, na qual existe uma tensão entre as formatações estáticas em um fundo que permeia numa alternada fluidez e acúmulo de tinta. Criando assim um organismo viral que possui um sistema de vida infectada, nesse caso o da própria pintura. Desta forma a própria pintura, a partir do acaso de produção, procura se defender desse parasita/ invasor/ hospedeiro que é verificável em formas retraídas também se defendendo.

E assim acontece seu plano de sobrevivência, pois quando esse fluido consegue permear as entranhas da lona da tela por tintas de tecidos a sua possível degeneração acontece ali, quebrando a tamanha "clareza" e "legitimidade" do branco, diante da sua naturalidade em se transformar nesse corpo vivo e legitimado por este artista/cientista/investigador.

Quebrando um aspecto da realidade convicta, para se construir o próprio fluido a partir de um abstrato intuitivo, ao serem construídas as 06 telas no formato redondo, vejo que novas questões são apresentadas, no qual a existência da própria vida ou ausência dela, vira uma problemática e dilemas novos nessa construção que busca de soluções na sua própria composição em tela.

Só quando estudada as formas, atribuindo-as a sua exata matéria, é que poderemos considerar uma doutrina completa da imaginação humana. Poderemos então perceber que a imagem é uma planta que necessita de terra e de céu, de substância e de forma. As imagens encontradas pelos homens evoluem lentamente, com dificuldade, e compreende-se a profunda observação de Jacques Bousquet: "Uma imagem custa tanto trabalho a humanidade quanto uma característica nova a planta". Muitas imagens esboçadas não podem viver porque são meros jogos formais, porque não estão realmente adaptadas a matéria que devem ornamentar. (Bachelard, 1998. A água e os sonhos, pág.05)

A cada aguada e jogada de tinta tenho a plena consciência de que estou criando um novo órgão dentro desse corpo redondo onde a principal tendência é o tempo posterior, o tempo que também é o primeiro inimigo desse corpo contaminado. A cada luz ressaltada pela tinta se culmina uma reflexão do entender o "porquê" de criar algo que para muitos não possui vida, quando digo algo sem vida falo diretamente do vírus.

Na busca por essas respostas a série tenta criar por meio de uma estética visual abstrata da existência de vida fictícia, e a cada aguada sobreposta mostrar uma contaminação que invade essa circunstância biológica.

Nessas tentativas o trabalho intitulado Fluido Viral se propõe a criar uma subjetividade interna diante dos outros temas relacionados a "vírus" dentro do campo das artes, pois as telas fazem uma reflexão indireta na forma que essa "vida" pode ser afetada e como um vírus pode ser enganoso, por esse motivo são usadas as formas circulares de glóbulos morfológicos, glóbulos inventados dentro da composição em pintura.

FLUIDO VIRAL ABSTRATO /FICCIONAL

A construção do fluido colorido, intitulado fluido viral se dá a partir de sobreposições, onde o tempo e espaço contribuem na imagem que é apresentado ao final, desse modo o acaso muitas vezes influência nessa criação abstrata/ ficcional. Assim, moldando todo o discurso e também o planejamento desse trabalho, pois o conflito visível em cada imagem, fui levado a um desprendimento total. Da mesma

maneira lidar com todas as sobreposições quase que aquareladas é tentar entender o próprio tempo da transparência, pois as tintas não se misturam, mas em contrapartida brigam por espaço, tanto que todas as suas bordas são marcadas e acentuadas pelo próprio pigmento, essa que sobra no excesso presente na água.

As abstrações construídas na disciplina de diplomação fazem reflexões do objeto direto das imagens biológicas, que remetem fluidez líquida e repetição de ícones, buscando construir um organismo híbrido dentro da linguagem pictórica. Antes de tudo fazendo que a partir dessas imagens confusas e conflitantes no seu modo de produção, crie-se estranheza e ao mesmo tempo empatia por essas imagens que remetam a um vírus fictício. Este vírus a partir da sua beleza consegue enganar o espectador, pois antes de contaminar o corpo/tela, ele consegue agradar o olhar do próprio criador.

Toda a execução dessas imagens abstratas para a maioria das pessoas parte de modo calculado, pois nessas imagens existem referenciais que são particulares de um universo biológico (área da saúde), mas ao mesmo tempo não são conhecidos pelo público em geral. As pinturas apresentadas neste trabalho foram criadas a partir de estudos científicos reais.

Diante de várias problemáticas tudo que foi produzido requer uma leitura individualizada pelo espectador que perpassa o processo da técnica, mas ao mesmo tempo cai diretamente na complexidade da imagem. Essa criação não busca fazer um apelo às imagens científicas e sim propor uma nova interpretação de “doenças” e modulações internas que acontecem somente com esse corpo contaminado e dentro dessas telas, criando uma “ciência” fictícia que pode ser entendida por qualquer indivíduo.

INTERSTÍCIO E O FLUIDO VIRAL

O que é o Fluido Viral?

O fluido intersticial sempre esteve presente no nosso corpo. Porém, foi apenas por meio do avanço tecnológico que os cientistas puderam identificá-lo. Ele encontra-se entre os tecidos do nosso corpo, por isso chamado de fluido intersticial. A descoberta, feita pela equipe de patologistas da Escola de Medicina da Universidade de Nova York (NYU), Estados Unidos, foi publicada na revista Scientific Rerts (2017).

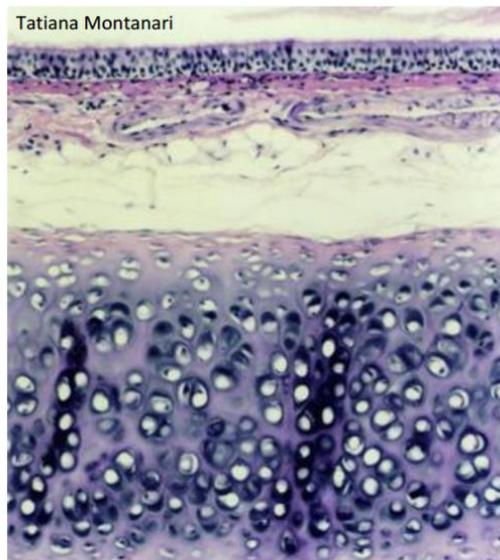


Figura 9.2 - Corte da traqueia, mostrando o muco sobre a superfície luminal, o epitélio pseudoestratificado colunar ciliado com células caliciformes, o tecido conjuntivo com muitos vasos sanguíneos e células adiposas e a cartilagem hialina. HE. Objetiva de 10x (137x).

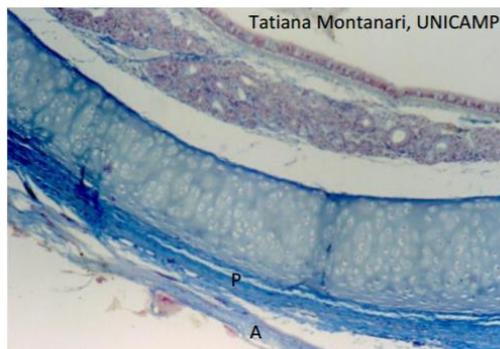


Figura 9.3 - Fotomicrografia da traqueia, onde são visualizados: o epitélio pseudoestratificado colunar ciliado com células caliciformes; o tecido conjuntivo com glândulas seromucosas; a cartilagem hialina com pericôndrio bem desenvolvido na face externa (P), e a adventícia (A). Tricrômico de Masson. Objetiva de 10x.

O Interstício

Um grupo de especialistas da NYU o classifica como uma espécie de órgão do corpo humano, grande como a pele, e afirmam que essa estrutura líquida é um composto de colágeno e elastina, e corresponde a cerca de um quinto dos fluidos de todo corpo humano, sendo responsável também pelo processo de contaminação viral do organismo. Todavia, até agora a ciência não conhece profundamente esse “órgão”. Por enquanto, esse "fluido intersticial" levanta várias hipóteses.

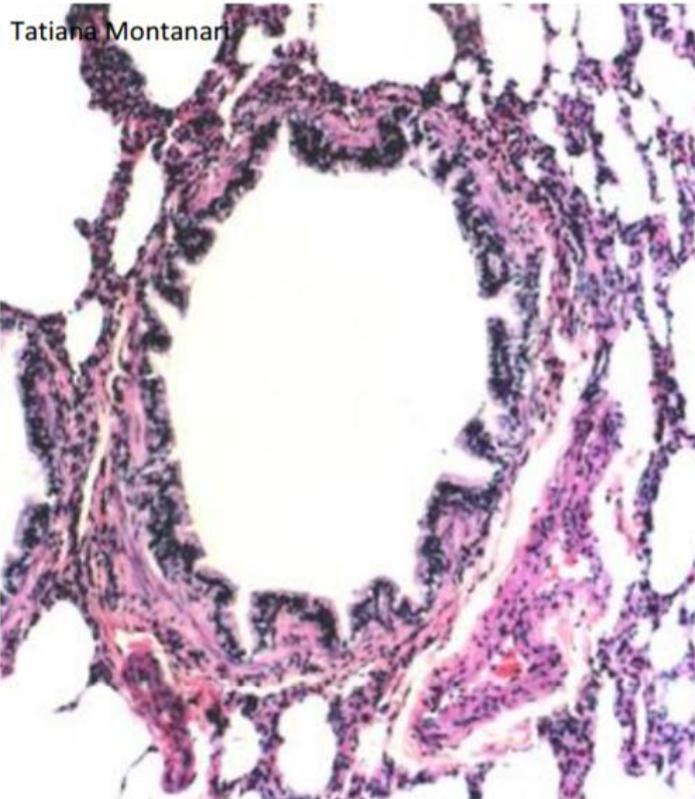


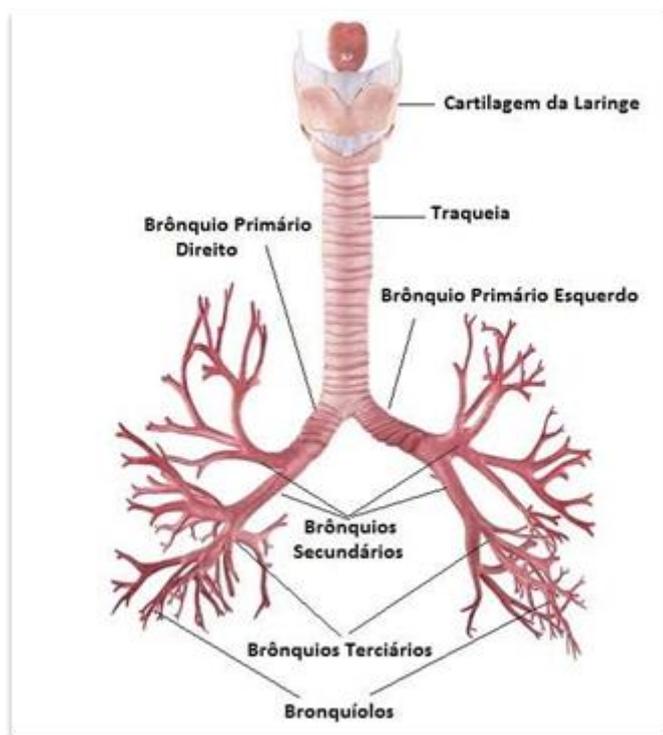
Figura 9.7 - Bronquíolo e, ao redor, alvéolos e um ramo da artéria pulmonar. HE. Objetiva de 10x (137x).

Sabe-se que esse fluido foi localizado debaixo da pele e recobre o tubo digestivo, os pulmões, o sistema urinário, as artérias, as veias e a fáscia (estrutura fibrosa onde se fixam músculos). É uma estrutura forte e elástica e parece atuar como um amortecedor que faz com que os órgãos, os músculos e os vasos sanguíneos se contraíam e se expandam constantemente, evitando que os tecidos do corpo se rasguem com o funcionamento diário. (segundo artigo que trata do assunto fisiologia humana do portal da educação)



Além disso, acredita-se que essa estrutura líquida funciona como uma espécie de via expressa dos fluidos do corpo, o que poderia embasar a hipótese de que as células cancerígenas ao atingir o espaço intersticial se expandiriam rapidamente pelo corpo formando a metástase. Desta forma o câncer e outras doenças se alastrariam pelo corpo muito rapidamente através desse espaço, visto que as cavidades são conectas entre si, permitindo o trânsito dos líquidos.

Os brônquios



Os brônquios são órgãos do sistema respiratório, que ligam a traqueia aos pulmões. São dois tubos cartilagosos que levam o ar aos pulmões, onde se ramificam em tubos cada vez menores chamados bronquíolos. Os brônquios são responsáveis pelo **transporte do ar até os pulmões**. Os brônquios se apresentam nas pinturas da série fluído viral onde a função principal das ramificações é de completude de composição.

O criador acaba se tornando um cientista de algo que muitas vezes não é explicado em um primeiro momento, mas se demonstra com maior clareza no decorrer do processo, onde a situação não é ter um resultado, mas obter a maior abstração daquilo que não é compreendido em um primeiro olhar. Assim, propõe-se no decorrer da observação o próprio entendimento da expressão, essa mesma não explicada com formalidades e sim internalizada com a fruição e muitas vezes deixando lacunas não respondidas.

O artista nesse processo torna-se um signo de si mesmo. Ele transborda muitas vezes, de forma até espiritualizada, essas versões não compreendidas do seu interno natural. Difundindo ações não tão objetivas e com resultados poucos precisos, mas que ao mesmo tempo instigam esse pensamento amplo que pode ser associado de alguma maneira com a ciência que tenta entender o ocaso e sua própria transmutação que se corrige a cada dado novo.

A criação híbrida se deflagra no íntimo do próprio artista, onde suas criações são potencializadas nesse início, no qual são criadas o confronto da forma para tentar entender o discurso de seus próprios acasos. Eventualmente vibrando numa fluidez não tão acentuada de início, mas melhor relatada depois de um desprendimento de técnica e assuntos do entendimento do seu próprio trabalho, reconfigurando assim muitos dos resultados que foram planejados e que não foram visualizados da maneira que foi arquitetado.

A fusão fictícia do fluido viral/ interstício

Nesse processo ocorrem oscilações na configuração dessas imagens, pois ambas surgem de abstrações meramente calculadas em toda a sua formatação, cada elemento e aguada nelas inseridas. O entendimento parte do uso dos elementos morfológicos tradicionais e como eles conversam com toda a composição, sempre verificando uma não linearidade das imagens, mas ao mesmo tempo buscando dar uniformidade na própria elaboração e assim com delicadeza e desprendimento de resultados tento demonstrar as diversas fases do vírus. Sempre criando formas arredondadas e agradáveis ao olhar, pois como esse fluido é um invasor ele tem que enganar o próprio sistema de defesa do corpo pictórico. Cultuando uma leveza por meio de fundos sensíveis e um grafismo naquilo que se localiza em primeiro plano.

As imagens foram criadas em tamanho mínimo de 80 centímetros de diâmetro. Cada imagem traz uma visão ampla daquele sistema que pode possuir diversas interpretações, pois todas as verificações de autenticidade dessas formas são inexistentes, ou seja, a única ponte com a realidade é a semelhança com as formas encontradas em livros de biologia. Antes de tudo, essas imagens não querem fazer nenhum tipo de compatibilidade concreta com sistemas científicos, pois cada esfera da minha produção só possui verificação e autenticidade dentro do universo das artes visuais.

Fazendo essa reflexão com o processo e a produção, é verificável que no século anterior, o historiador da ciência Thomas Kuhn refletiu sobre as diferenças entre arte e ciência. Para ele, a mais importante é que os produtos da atividade artística do passado são ainda partes vitais da cena artística atual, ao passo que a ciência busca destruir seu passado. Outra diferença viria do lado estético: na arte, a estética é, em si mesma, a finalidade do trabalho. Na ciência, não seria mais do que um instrumento secundário, um critério de escolha entre teorias ou um guia para a imaginação.

Conforme a produção vai se concluindo tem-se uma maior integridade do trabalho no que se refere à temática central, fazendo com que a partir do sentido visual criem-se soluções que reverberem a abstração como sentido intuitivo. Desta forma a abstração sobrepõe-se a ela mesma, mas sempre levando em consideração somente a potencialidade da pintura.



Recorte visual dos brônquios em ícone

O ícone viral no processo de criação, são formados por signos que seguem um caminho de gabaritos não tão precisos, mas que de alguma maneira resulta em algo que é significativo. Quando falamos da ciência em si, essa discussão se concretiza na pesquisa, com a arte não é diferente, pois ela se reconfigura na própria materialidade desses materiais diversos, o investigar vai além de uma técnica, porque o principal elemento é entender as variáveis dessa linguagem.

Os brônquios presentes no corpo humano são utilizados como referência principal na construção dessa ficção, pois possuem a função de transporte no nosso organismo. A função desse aparelho no fluído viral é de controle das cavidades contaminadas.

CORPO PICTÓRICO CONTAMINADO

Corpo circular

Acredito que o corpo ao ser retratado em uma obra de arte acaba se tornando o principal objeto de estudo, mas quando ele faz parte desse processo a sua

interferência gestual o coloca como pilar do movimento próprio da tecnologia, acentuando questões biológicas que são notórias no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Essa construção sempre esteve em movimento e a partir dela que desenvolvemos o nosso modo de representação cujos processos acabam sendo cada vez mais acelerados quando falamos de ciência. Assim, dificultando a análise de trabalhos artísticos transpassados por "tecnologias", além de justificar os equívocos e aplicação dos termos em um contexto diverso quando falamos de corpo.

O discurso do trabalho foi pautado no que se refere a abjeto e abjeção e como eles se contrapõem e como o discurso do corpo como objeto se faz presente no contexto geral do assunto. Criando assim contrapontos das relações humanas, mostrando que o ser é um abjeto e como a abjeção é falada dentro da linguagem.

Assim como o termo abjeção se faz presente por meio do discurso de imposição e como a abjeção que é considerada aquilo que é negado, ao mesmo tempo mostrando que abjeção está dentro de todos os seres de forma individual, (no molde que utiliza da ciência para investigar questões desse corpo), acentuando novos ícones e refletindo sobre as criações de termos que recriam novas ideologias de discurso que interferem nas vivências dessa contaminação de discurso. Da mesma forma como os corpos que são considerados políticos podem ser considerados abjetos sociais.

Nesse processo ocorrem oscilações na configuração dessas imagens, pois ambas surgem de abstrações meramente calculadas em toda a sua formatação, cada elemento e aguada nelas inseridos. O entendimento parte do uso dos elementos e como eles conversam com toda a composição, sempre verificando uma não linearidade das imagens, mas ao mesmo tempo buscando dar uma uniformidade nesse todo e que principalmente essa elaboração ocorra com uma delicadeza e sensação de prazer. Sempre recriando formas arredondas e agradáveis ao olhar. Cultuando uma leveza por meio de fundos sensíveis e um grafismo naquilo se localiza em primeiro plano.

As imagens foram criadas em tamanhos variados sendo que cada imagem traz uma visão ampla daquele sistema que pode possuir diversas interpretações, pois todas as verificações de autenticidade dessas formas são inexistentes. Ou seja, a única ponte com a realidade é semelhança com formas encontradas em livros de biologia, mas antes de tudo, essas imagens não querem fazer nenhum tipo compatibilidade com sistemas científicos, porque cada esfera da minha produção só possui verificação e autenticidade dentro do universo das artes visuais.

Fazendo essa reflexão com o processo e a produção, é verificável que no século anterior, o historiador da ciência Thomas Kuhn refletiu sobre as diferenças entre arte e ciência. Para ele, o mais importante é que os produtos da atividade artística do passado são ainda partes vitais da cena artística atual, ao passo que a ciência busca destruir seu passado. Outra diferença viria do lado estético: na arte, a estética é, em si mesma, a finalidade do trabalho. Na ciência, não seria mais do que um instrumento secundário, um critério de escolha entre teorias ou um guia para a imaginação.

Partido desse gancho é verificável que toda minha produção não parte de um cálculo científico, mas sim de um parâmetro artístico, pois não busco verificar se o organismo criado tem alguma relação com a realidade, pois na minha visão dentro do contexto da arte não há essa necessidade. Mais do que trazer respostas a essas questões, o trabalho não quer verificar soluções no viés História, Ciências e Saúde, mas por meio dessas abstrações possui o objetivo convidar o expectado a criar sua própria verificação em "ciência".

Referência visual do vírus

Um ponto interessante na construção desse processo também pode ser verificado no trabalho de Israel Macedo um artista plástico paulista que explora o universo do HIV expondo histórias, sensações, experiências e obras que representam um pouco da realidade de pessoas soropositivas sob a visão lúdica da arte. Uma vertente interessante, pois algumas das imagens montadas tem uma relação com algumas pessoas próximas a mim. Nessa construção será dado um maior valor no quesito humanidade e sensação direta com o que quero mostrar, ou seja, mesmo que determinada pessoa esteja sendo representada, o problema dela será visto dentro dessas abstrações de forma simbólica e amigável.

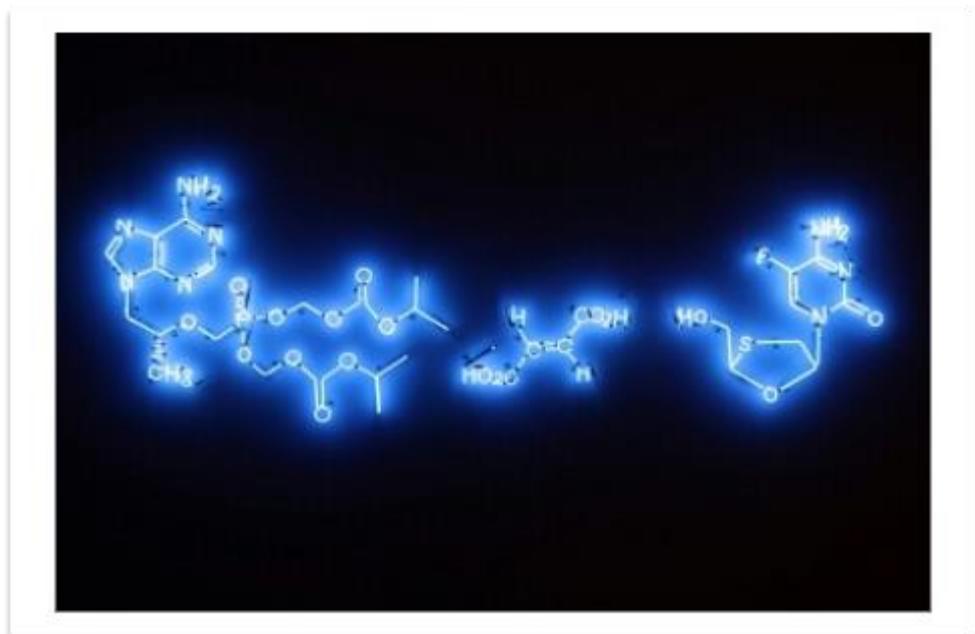
ISRAEL MACEDO

Trabalhos produzidos pelo o artista plástico em São Paulo no ano de 2016



Sem título, 2016

14 Aquarelas com sangue de soropositivos e 14 aquarelas com sangue de soronegativas.



Israel Macedo, 2015

Prevenção, sedução, ferveção (truvada)

Partido desse exemplo é verificável que toda minha produção não parte de um cálculo científico e sim de um parâmetro artístico, pois não busco verificar se o organismo criado tem alguma relação com a realidade, que na minha visão dentro do contexto da arte não há essa necessidade. Mais do que trazer respostas a essas

questões, o trabalho não quer verificar soluções no viés História, Ciências e Saúde, mas por meio dessas abstrações convidar o expectado a criar sua própria verificação em "ciência".

Fazendo um paralelo do que foi produzido com questões históricas pode ser verificado na obra de Einstein e Picasso na colocação do tema ciência e como ele é instigante no ponto de vista do historiador da ciência Arthur Miller. Ambos produziram seus trabalhos mais importantes no mesmo período: Einstein formulou a Teoria da Relatividade Especial em 1905, esse termo foi utilizado para tratar de quatro dimensões e diferenciar todas elas, sendo que três são espaciais e uma temporal (a quarta dimensão), munida de uma métrica que permite noções de geometria. É nessa teoria, também, que surge a ideia de velocidade de luz invariante. E Picasso pintou "Les Demoiselles D'Avignon" em 1907 que também é considerada como revolucionária, pois ela traz um dos primeiros experimentos cubistas, onde corpos e fundos transformam-se em formas geométricas. Miller mostra que as relações entre essas obras vão muito além da coincidência temporal. Outro ícone da arte mundial, Salvador Dalí, é o tema da jornalista Mônica López Ferrado, que estuda o interesse do excêntrico do artista pela ciência e por temas como a bomba atômica e a elucidação da estrutura do DNA.

PINTURAS DOS ARTISTAS PICASSO E DALI



Pablo Picasso, Les Demoiselles d'Avignon, 1907



Dali, Leda atômica 1949

Na obra Leda Atômica, produzida por Salvador Dalí, a inspiração veio de uma mescla entre mitologia grega, (Leda era uma rainha espartana que fora assediada por Zeus), princípios matemáticos ligados à perfeição geométrica e o lançamento da bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima, em 1945, ano de término da segunda guerra mundial. O quadro sugere, como máxima a suspensão sobre o tempo e o espaço, já que todos os componentes levitam inertes a qualquer contato com o toque. O teor da representação traz uma potencial reflexão sobre o momento exato em que ogiva nuclear explodiu no ar, sem tocar nada a sua volta, mas destruindo completamente tudo com seu calor infernal.

"A Leda Atômica é o quadro chave da nossa vida. Tudo aí está suspenso no espaço, sem que nada toque em nada. A própria morte se eleva a distância da terra" - Salvador Dalí.

O fazer artístico e o científico constituem duas faces da ação e do pensamento humano, faces complementares, mas mediadas por tensões e descompassos, que podem gerar assuntos relacionados a própria ciência como matéria, mas principalmente a arte contemporânea no seu atual cenário. Quando falo de arte contemporânea, refiro principalmente a produção acadêmica, no qual o discurso é sustentado pelo o estranho ou algo totalmente fora da realidade tradicional de algo que já foi sustentado dentro de outros movimentos artísticos.

A modernidade caracterizada com uma ordem pós-tradicional, ao romper com suas práticas e preceitos pré-estabelecidos, enfatizou o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade móvel mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o eu torna-se cada vez mais, um projeto reflexivo, pois onde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância. (Paralva Dias, 2005, vol.17)

Assim, o fluído viral pesquisado e representado nesse trabalho simboliza essa contaminação coletiva de produção, no qual acadêmicos do próprio departamento de artes visuais da Universidade de Brasília, produzem de uma maneira muito semelhante e com discurso muito parecido. Não que isso seja ruim, mas foi algo que aconteceu no meu próprio trabalho, tanto que decidi falar dessa viralidade acadêmica, materializado e sustentado pela biologia na parte que estuda vírus.

A série fluído viral, por meio da linguagem pictórica sustenta o discurso da abstração e do método fluído para sua apresentação visual como resultado desse vírus. Esse aspecto pactua na contaminação que é produzida na própria lona da tela, onde as cores e o próprio líquido brigam por espaço, no qual as cores sobrepõem o impacto geral do branco. Levando por meio da intuição a criação gráfica que compõe esse aspecto da doença pictórica, fundindo a própria interpretação que é dada em cima dessas lâminas de 80 cm, em que o principal papel das lâminas/ telas induzem uma reação química dentro da ficção do fluído viral. Que ao mesmo tempo apresentou ao expectador uma visão concreta dessas formas fluidas e pontuais dentro do espaço circular da tela.

Paleta de cores

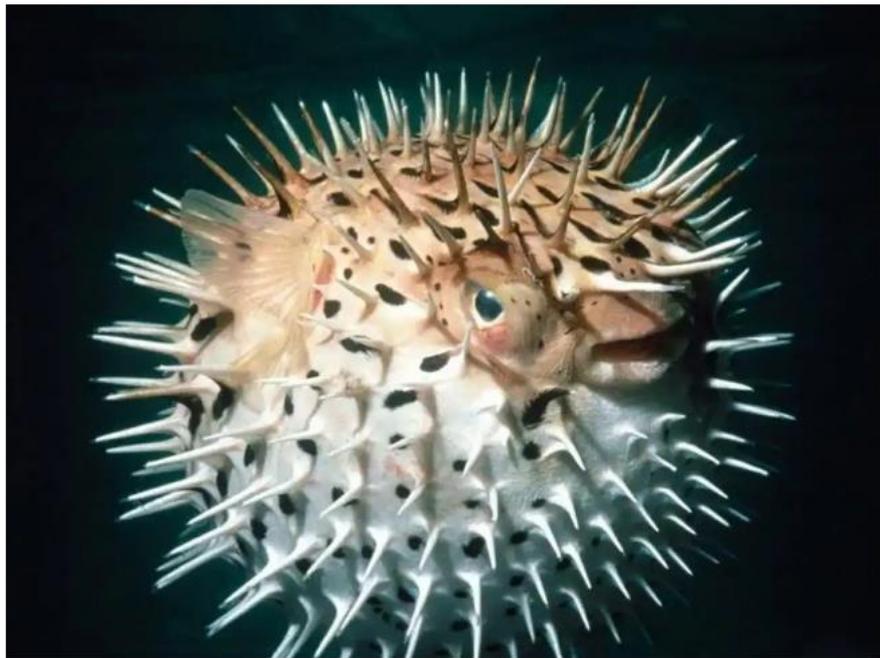
A paleta de cores da série fluído viral faz referência ao órgão intersticial e também aos animais venenosos, que possuem cores atraentes ao olhar humano.

No molde geral do interstício são aplicados nas cores, azul, roxo, preto e rosa. Assim, as cavidades que foram abertas na pintura buscam por meio dessas cores acentuarem uma relação com o órgão, para determinar questões teóricas na ficção que é apresentada nas telas em formato de lâminas.

Algumas espécies de animais venenosos também se tornaram referência na produção imagética do fluído viral.



Polvo anéis azuis (*hapalochlaena*) (sobiologia.com.br/polvovenenoso)



Baiacu (*teraodontidae*), ([acervo online de imagens veja.abril.com.br/animaisvenenosos](http://acervo.online.de.imagens.veja.abril.com.br/animaisvenenosos))



água-viva-caixa australiana (cubozua), (acervo online de imagens veja.abril.com.br/animaisvenenos)



Bônus: sapo corroboree (veja.abril.com.br/animaisvenenos)



Ranitomeya Variabilis, (veja.abril.com.br/animais)



Rã-dardo-venenoso (veja.abril.com.br/animaisvenenosos)

Boa parte desses animais, além de possuírem em sua aparência cores bem vibrantes muitos deles lançam veneno ao se sentirem ameaçados, dessa maneira as cores vibrantes presentes nas telas redondas, também buscam trazer esse sentimento de envenenamento, pois por meio dessas combinações, atribuo com maior amplitude as significações do fluído.

A produção final da série fluído viral consistiu na produção visual de 06 telas redondas com o tamanho de 80 cm de diâmetro, idealizando o visual de lâminas de laboratório em testes de pesquisas, no qual encima de determinados vírus ou testes são aplicadas determinadas substâncias para buscar diagnósticos.



Jefferson Silva, Lâmina 01, 80 cm, 2018



Jeffesson Silva, Lâmina 02, 80 cm, 2018



Jeffesson Silva, Lâmina 03, 80 cm, 2018



Jeffesson Silva, Lâmina 04, 80 cm, 2018



Jeffesson Silva, Lâmina 05, 80 cm, 2018



Jeffesson Silva, Lâmina 06, 80 cm, 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da diplomação em artes visuais (bacharelado), se deu em uma pesquisa de ficção, relacionando arte e ciência, no qual houve uma busca no tentar entender questões sobre esses dois universos sobre o que é concreto e o que foge disso. No trabalho apresentado como fluído viral, recriei um universo paralelo em cima da realidade ficcional, pois a partir de um ideal concreto do corpo humano que é o fluído presente na cavidade do interstício, modulei a síntese de um vírus que só existe nesse corpo pictórico.

Dessa maneira ocupei em produzir imagens que ilustrassem essa questão, convertendo em formas arredondadas e compactas, nuances próprias desse universo que é de uma biologia configurada dando uma nova função aos brônquios e para a própria cavidade do organismo, moldando essas reflexões poeticamente, criando dessa maneira novas significações do corpo como matéria.

Os referenciais teóricos desse trabalho serviram como pilar poético, pois deram novas reconfigurações de como representar visualmente a biologia. Assegurar essas

imagens de alguma maneira modularam o próprio sentido de imagens que são vistas dentro do campo da ciência micro, fazer com que o espectador olhe essas imagens e que compreenda sinteticamente a relação com algo real também foi um objetivo a ser alcançado. Mesmo não sabendo da real existência do que estaria vendo está vendo exposto nas “lâminas” em pintura, poderiam associar facilmente com algo que poderia ser visto em um livro escolar de ciência.

As experiências no campo da poética fizeram com que chegasse nesse aspecto da pesquisa, principalmente por ter tentado investigar o universo da ciência no pilar da pintura, para que fossem distribuídas uma nova arquitetura do que pode ser entendido como ciência e até que ponto ela é compreensível em um campo da realidade. Dessa maneira a série fluido recorreu por meio de algo assegurado e estudado no campo social para construir o seu novo preceito, criando uma nova modulação desse campo de forma ampliada, assim faccionando a microbiologia, revelando essa nova questão que é fluido viral e a ideia do que é considerado realidade.

Referência bibliográfica

JANSON, H.W. e JANSON, F.A., Iniciação à História da Arte. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

Arte e ciência (Processos criativos). Editora cultura acadêmica, 2015

BACHELARD, Geston. A Água e os Sonhos. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1989

BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LOIOLA, Inácio de, Autobiografia de Santo Inácio, Tradução: Antônio José Coelho. Editora A, O, - Braga,

2005.

PARALVA DIAS, Rafaela Cyrino Scielo Brasil. Resenha: Modernidade e identidade. Psicologia e

sociedade, vol. 17, no.3, Porto Alegre, set. 2005

LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias on line, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade, Niterói-RJ, v.2(edição especial), p. 115-133, 2

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BBC; O Interstício o novo órgão do copo humano, 2018
<https://www.google.com.br/amp/s/www.bbc.com/portuguese/amp/geral-43577663>

BBC; a descoberta de um dos maiores órgão do corpo, 2017
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-38505488>

BROWN, Amy. Informações retiradas do portal pessoal da artista
<https://www.amybrowncart.com/fantasy>

ACERVO DE IMAGENS

<https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Seresvivos/Ciencias/biovirus.php>

<https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/os-mais-incriveis-coloridos-e-venenosos-sapos/>

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/fisiologia-do-sistema-linfatico-circulacao-linfatica/21089>